

A DESVALORIZAÇÃO DA ESCOLA E DO ENSINO PELA CLASSE DOMINANTE EM *SÃO BERNARDO*, DE GRACILIANO RAMOS¹

CLEIRY DE OLIVEIRA CARVALHO

RESUMO: Partindo da premissa de que emerge na obra de Graciliano Ramos um modelo de coerência que explica, também, fenômenos sócio históricos reais (extraliterários), procuro, neste artigo, examinar a função da escola na estrutura do romance *São Bernardo*. Na análise, destaco episódios da narrativa ancorados no tratamento que Paulo Honório dispensa aos professores Padilha e Madalena e estabeleço relações entre esses episódios e a dinâmica geral do romance, em que a escola é instrumento político chave numa estrutura de dominação social em declínio (Coronelismo).

PALAVRAS-CHAVE: Docência; Escola; Graciliano Ramos; São Bernardo.

INTRODUÇÃO

No romance *São Bernardo* (1934), a formação informal de Paulo Honório e a formação escolarizada de Madalena, Padilha e a criação da escola na fazenda São Bernardo são a base da minha análise, e meu propósito é confrontar dialeticamente o que temos na obra em questão e pensar como essa representação da escola aparece, por exemplo, na necessidade de articular uma ampliação da agenda de eleitores. Afinal, é para isso que Paulo Honório atende a demanda e a constrói: “o Governador se contentaria se a escola produzisse alguns indivíduos capazes de tirar o título de eleitor”. (RAMOS, 1976, p. 99)

É importante adiantar que a análise procura seguir o mesmo estilo da escrita do “autor”² Paulo Honório, ou seja, os assuntos referentes ao estudo da temática serão tratados no ir e vir dos sentidos produzidos na obra.

Quem é Paulo Honório? Quem é Madalena? Qual é a consequência de uma escola nas terras de Paulo Honório? Qual é o papel da escola formal e da educação informal que nos é oferecida em *São Bernardo*? É essa educação uma forma de violência contra o professor Padilha? Contra a própria Madalena? Afinal, como apresentado por Antonio Candido (2006), Paulo Honório sofre e comete violência. No romance *São Bernardo*, de que maneira se configuram, no discurso ficcional, as concepções dos processos de constituição, organização e transmissão de conhecimentos e saberes? Como são mediados pelo processo de aprendizagem?

Qual a transgressão quando olhamos para a formação de Padilha e Madalena e a formação de Paulo Honório? Os dois primeiros são frutos da formação pela escola tradicional, o último é fruto da educação informal, da escola da vida. O discurso pedagógico liberal, presente na escola nova, defendia renovação escolar para o desenvolvimento do país. Diferente da escola tradicional, na escola nova, defende-se que o processo de aquisição do conhecimento surge da ação. Ora. Qual foi a ação de

Paulo Honório? Sentar e escrever. Os métodos de ensino na escola nova visavam à autoeducação e adquiria-se aprendizagem por meio de um processo ativo.

A ideia de escola na época em que o romance foi escrito e publicado passava por alguns contratempos. Em *A Educação e a Crise Brasileira*, ao discorrer sobre “A Escola Secundária em Transformação”, Anísio Teixeira esclarece:

Durante certo período, o conflito entre os dois tipos de escolas médias — o popular e profissional e o acadêmico e de “classe” — nem chegou a se inflamar. Era antes um dualismo do que um conflito. Acompanhava, aliás, uma divisão corrente na Europa, sobretudo na França, com o ensino para a “elite” e o ensino para o povo, o ensino para a chamada “classe dirigente” e o ensino para os dirigidos.

As duas escolas coexistiram de certo modo pacificamente, até a década de 20 a 30, quando começou a se processar a “revolução” brasileira, que ainda continua, e em que a nação está a buscar encontrar-se consigo mesma e elaborar fórmulas próprias para a solução dos seus problemas também próprios.

Nesse período é que começa o país a sentir as contradições de todo o sistema recebido ou imitado passivamente do estrangeiro. Numa das escolas se pretendia educar a mente e noutra as mãos — como se vivêssemos numa sociedade em que uns trabalhassem e produzissem e outros apenas gozassem e contemplassem. (TEIXEIRA, 1956, p. 64-65).

De certa maneira, fica a impressão de que essas escolas coexistem em *São Bernardo*. Padilha formou-se doutor para gozar e contemplar, no entanto não foi capaz de manter o padrão de vida proporcionado pelo pai; Madalena recebe educação após muitos sacrifícios da tia para educá-la, mas a educação recebida é para educar outros, é ferramenta de trabalho. E a escola em que Paulo Honório diz acreditar, mas na qual não investiu financeiramente, é a que proporciona a educação para as mãos.

No entanto, quando a escola, representada por Padilha, ao invés de se transformar em capital simbólico (votos) passa a ser uma força contrária a ele (por exemplo, questionar a ordem política), necessariamente passa a atrapalhar os projetos particulares de Paulo Honório. Se havia dúvida de que seria possível falar de emancipação na obra *São Bernardo*, possivelmente ela se dissipará se pensarmos nos dez ou doze caboclos que, sem a escola, mas com o professor, lograram assumir o que o João Nogueira não foi capaz. Mas, se pensarmos que o “limite da emancipação política se manifesta imediatamente no fato de que o Estado possa liberar-se de um limite sem que o homem libere-se realmente dele, que o Estado possa ser um Estado livre sem que o homem seja um homem livre” (MARX; ENGELS, 2011, p. 45), possivelmente os caboclos voltarão.

Quanto ao João Nogueira, o estudado, está no “ninho dos reacionários”:

— Quanto a mim, declarava Nogueira, tanto me faz estar em cima como em baixo, que política nunca me rendeu nada. Estou embaixo e não pretendo subir. É verdade que sempre achei a democracia um contrassenso. Muitas vezes lhe disse. O diabo é que votei na chapa do

CARVALHO, C. de O.

governo. Mas, aqui entre nós, a ditadura [Revolução de outubro³ de 1930] só não presta porque estamos no chão (RAMOS, 1976, p. 160).

Caso tivesse sido oposição e vencido, estaria tudo bem para ele. O conflito particular, portanto, revela-se como um conflito de classe⁴ e a presença da escola/educação revela-se mais do que episódica, é estruturante de todo o processo social representado no romance, e ainda: é estruturante do próprio romance, produto cultural que nasce da pena de quem sempre entrou em choque com o mundo letrado para além da esfera individual. Entrando em decadência econômica e social, Paulo Honório escolhe a forma de relato mais típica da cultura burguesa, individual e privada: o romance burguês.

A leitura que considero produtiva permite defender que o autor ficcional do romance *São Bernardo* apresenta uma tentativa de capitalizar individualmente sua instrução e possibilidade de contar suas memórias, mas se ele narra, se confessa e objetiva ter suas culpas expiadas pelo leitor, não será com todo leitor que ele ganhará esse crédito. A pergunta que fica, afinal, é: qual é a consequência de uma figura política (eleitor alfabetizado) na economia pós-escravocrata? Soube Paulo Honório emancipar-se a si mesmo? Talvez a resposta se encontre em Marx e Engels (2011):

A superação da propriedade privada é a emancipação plena de todos os sentidos e qualidades humanas; porém, é esta emancipação precisamente porque todos estes sentidos e qualidades tornaram-se humanos, tanto no sentido objetivo quanto subjetivo. O olho tornou-se um olho humano, assim como seu objeto tornou-se um objeto social, humano, criado pelo homem para o homem. Os sentidos se tornaram, assim, imediatamente teóricos na sua prática (MARX; ENGELS, 2011, p. 50).

Ao que tudo indica, o resultado é não. Em *São Bernardo*, a resposta que os mantenedores dos meios de produção das terras de São Bernardo efetivamente colocam em prática é o abandono do patrão e a fuga que resulta em força para a Revolução de 30. Só a Revolução permite a eles livrarem-se das condições de trabalho exploratórias — até com uso de métodos usados na época da escravidão (formal).

E os professores, Madalena e Padilha, estão amarrados ao projeto da educação por meio da escola sem efetivamente possuírem as condições básicas para conduzir o ensino em que acreditavam. Se, aos bolsos de Paulo Honório, o professor Padilha custará alguns trocados, Madalena custar-lhe-á a paz que ele acreditava ter. E a ideia de progresso de Paulo Honório precisa de outros investimentos e estes estão para além do retorno político que a construção da Igreja e da Escola permite a ele. O progresso não se restringe à energia na propriedade, à estrada de ferro, às inovações nos processos de produção; também é preciso produzir herdeiros. O empoderamento de Paulo Honório precisa se fortalecer em todos os âmbitos.

Note-se que o conflito de concepções materializado em *São Bernardo* acerca da função da escola na sociedade (de forma simplificada posso pensar em termos de capital *versus* emancipação) é questão a ser trabalhada. Para que serve a escola na sociedade capitalista? Os proprietários permitirão que os trabalhadores se emancipem por meio da educação oferecida, gerida e controlada pelo capital? É possível emancipar-se na escola de Paulo Honório? Qual a razão da implicância de Paulo Honório com o seu

desconhecimento do termo materialismo histórico? “– Materialista. Lembrei-me de ter ouvido Costa Brito falar em materialismo histórico. Que significava materialismo histórico? [...] Comunista, materialista. Bonito casamento!” (RAMOS, 1976, p. 120).

Paulo Honório ironiza uma saída pela educação, e por isso o seu completo descaso com todo e qualquer caso de investimento em formar-se “doutor” até mesmo quando se refere ao único filho? “– Se melhorar, entrego-lhe a serraria. **Se crescer assim bambo, meto-o no estudo para doutor**” (RAMOS, 1976, p. 159, grifos meus). Ao ressaltar a frouxidão do filho pequeno e, ao mesmo tempo, projetar que o filho só poderá ser doutor se assim permanecer, percebe-se um residual da formação de Padilha. Um “doutor” decadente que caiu em desgraça na mesa do jogo e foi obliterado por algumas duplicatas vencidas. A questão maior é que Paulo Honório não tem família⁵ e nem possui filhos em número suficiente para prosperar no caminho da elite oligárquica, e filho doutor ele acredita não servir para o eito.

O dono da fazenda segue desmerecendo quem estudou. Neste exemplo, ressalto a violência que impõe a Padilha, ao propor-lhe a condição de professor:

— Conforme. Nem sei quanto você [Padilha] vale. **Uns cem mil-réis por mês. Ponhamos cento e cinquenta a título de experiência.** Casa, mesa, boas conversas, cento e cinquenta mil-réis por mês e oito horas de trabalho por dia. Convém? Mas aviso logo: serviço é serviço, e aqui ninguém bebe. Aqui só bebem os hóspedes.
— Perfeitamente, mastigou Padilha encabulado. Vou refletir (RAMOS, 1976, p. 50, grifos meus).

É o dono da fazenda expondo o que poderia ser interpretado como uma negociação. No entanto, não é. No caso específico de Padilha, ele não tem nenhum poder de barganha. Padilha não está negociando com Paulo Honório em igualdade de condições (nem nada perto disso), assim como, obviamente, está em situação extremamente desvantajosa em relação ao proprietário. No entanto (isso é interessante considerar), Padilha não entra na negociação — nem chega a ser exatamente uma negociação; pois ele nem sequer apresenta algum contra-argumento — nas mesmas condições que Madalena. De uma forma ou de outra, Padilha ainda conseguiu vender São Bernardo e possuía algum dinheiro. Com a venda de São Bernardo, Padilha recebe (descontado o que devia ao Paulo Honório) sete contos e quinhentos e cinquenta mil reis, o que significa cerca de 50 vezes o salário que lhe foi oferecido por Paulo Honório (150 mil reis), dinheiro suficiente para passar alguns anos sem trabalhar. Já Madalena ganhava 180 mil reis por mês na condição de professora primária e se considerava pobre como Jó. Padilha não tem poder de barganha, não chega a negociar com Paulo Honório, mas tem uma condição financeira muito superior à de Madalena, que considera o casamento um negócio muito vantajoso.

O valor de Madalena e de Padilha, segundo a perspectiva de Paulo Honório, é valor material. Seria preciso que a axiologia não fosse uma “ciência de valores” descartada por alguns sociólogos e filósofos para, a partir de uma escala de valores, identificar o tipo. Indo do mais material (o mais baixo segundo os destrambelhados humanistas — eu também) que é o dinheiro (e sua extensão, o lucro), ao mais superior,

os valores vitais (vestuário, alimentação, saúde), os valores lógicos (do conhecimento), os valores éticos (de conduta), os valores estéticos e os valores transcendentais ou do espírito (antigamente os religiosos, os místicos, os históricos, ou seja, aqueles que se constroem e/ou se mantêm ao longo do tempo pelo trabalho humano).

Aqui se tem um esboço do não valor profissional de Padilha. E a expressão do valor sai de cem mil-réis para cento e cinquenta mil-réis. Um aumento que parece significativo considerando que Paulo Honório diz que não sabia quanto valiam os serviços de Padilha. Paulo Honório sentia um certo prazer em sabê-lo sem nenhuma outra saída financeira. Padilha não tem nenhum poder de barganha. Quando alega que vai refletir, exprime seu mecanismo de defesa na tentativa de não se sujeitar aos mandos daquele que já fez dele um ex-proprietário e que agora quer transformá-lo em um empregado. Mas não só: um empregado em São Bernardo, que era sua propriedade. Importante considerar que Paulo Honório sempre desprestigiava os estudos de Padilha e não se referia a ele na condição de “doutor”, tratamento dado ao juiz que estudou e também a João Nogueira, apesar de Paulo Honório julgar-se superior a este também.

Relevante o desprezo alarmado por Paulo Honório em relação aos pais que optaram por enviar os filhos para formarem-se advogados, ou seja, não há nenhuma surpresa na confissão que apresenta sobre o fato de não se importar. Aliás, a maioria das personagens que ousaram estudar recebem de Paulo Honório indiferença e desprezo. Ele também aproveita que os filhos do Fidélis estão estudando Direito e altera a cerca da divisa da propriedade do Fidélis. O proprietário de São Bernardo ainda julga que o que faz alguém competente é não fazer uso do que aprendeu na escola: “— Por aí, vendo, ouvindo, correndo mundo. **O Nogueira veio da escola sabido como o diabo**, mas não sabia inquirir uma testemunha. Hoje esqueceu o latim e é um bom advogado.” (RAMOS, 1976, p. 84, grifos meus).

Paulo Honório oferece ao Padilha uma função que, para o empregador, não tem nenhum valor. Nem mesmo quando se trata de Madalena, mulher dele e professora primária, ele manifesta algum respeito pela profissão do magistério. Diz ele sobre a formação profissional da mulher: “Vaidade. Professorinhas de primeiras letras a escola normal fabricava às dúzias. Uma propriedade como S. Bernardo era diferente” (RAMOS, 1976, p. 105).

No passado, ao saber quanto ganhava a professora Madalena, Paulo Honório teve outra reação ao comentar “quanto vale Madalena”. Já pensando em casamento e buscando o apoio de D. Glória, Paulo Honório usa seus argumentos e consegue demonstrar para D. Glória o quão pouco valorizada é a profissão de sua sobrinha, o quão pouco ele a valoriza quando pensa na profissão da professora apenas como possibilidade de arrimo financeiro:

— Pois uma menina como aquela encafiar-se num buraco, Seu...
— Paulo Honório, D. Glória. Faz pena. Isso de **ensinar bê-a-bá é tolíce**. Perdoe a indiscrição, quanto ganha sua sobrinha ensinando bê-a-bá?
D. Glória baixou a voz para confessar que as professoras de primeira entrância tinham **apenas cento e oitenta mil-réis**.
— Quanto?
— Cento e oitenta mil-réis.
— Cento e oitenta mil-réis? Está aí. É uma desgraça, minha senhora.
Como diabo se sustenta um cristão com cento e oitenta mil-réis

por mês? Quer que lhe diga? Faz até raiva **ver uma pessoa de certa ordem sujeitar-se a semelhante miséria**. Tenho empregados que nunca estudaram e são mais bem pagos. Por que não aconselha sua sobrinha a deixar essa profissão, D. Glória?

D. Glória referiu-se à dificuldade de arranjar empregos e ao montepio.
— Que montepio! Isso vale nada! E empregos... Vou indicar um meio de sua sobrinha e a senhora ganharem dinheiro a rodo. **Criem galinhas** (RAMOS, 1976, p. 70, grifos meus).

Aqui fica claro o tratamento desigual de Paulo Honório: basta confrontar o valor proposto ao Padilha e a avaliação que agora Paulo Honório faz dos ganhos de Madalena. O que parece contraditório, considerando que ele afirma que possui funcionários sem a qualificação de Madalena e que ganham mais do que ela. Mas, se podemos aludir a uma crítica real ao meio de sobrevivência e à alegação de que criar galinhas renderia muito mais do que ensinar bé-a-bá, também estamos diante de outras questões mais representativas da insignificância do ensinar diante do projeto de desenvolvimento de uma sociedade por meio da educação. O que importa é ter uma renda melhor, e a profissão de Madalena, aos olhos de Paulo Honório, não permite isso aos que dela vivem. Paulo Honório sujeitou-se muitas vezes aos mais diversos trabalhos, no entanto, seu objetivo era sair da miséria. Por essa razão, ele, que valoriza tanto os bens adquiridos, indica à tia de Madalena que criem galinhas para terem dinheiro.

Também é visível que Paulo Honório quer ganhar pontos com a tia de Madalena, haja vista que o salário inicial proposto ao Padilha (doutor!) era de cem mil-réis e que passou a ser cento e cinquenta, mas não chegou a ser cento e oitenta que, na opinião do próprio pagador de salário menor, era insuficiente para viver. Não é nenhuma surpresa que a ideia de escola para Paulo Honório seja apenas um mero objeto de troca. E na sua escola o professor é um homem e os que lá vão conferir se o trabalho do professor Padilha é adequado, em um primeiro momento, também são homens: o padre e o jornalista. Na minha leitura, essa situação não reflete uma questão de gênero. Nem sequer se trata de possuir a própria escola para que sua futura esposa tenha como exercer aquilo que fazia antes de aceitar subir ao altar com ele em matrimônio.

Afinal, Madalena surge para Paulo Honório personificada por suas pernas. Só depois das pernas é que sua profissão é dada a conhecer. É uma mulher e está sendo vista pelos homens machistas que falam dela na sua condição de mulher. Mas vejamos como entra em cena a mulher Madalena. Chamo a atenção para o fato de o seu surgimento se dar pelo olhar avaliativo dos colegas de Paulo Honório:

- De quem são as pernas?
- Da Madalena, respondeu Gondim.
- Quem?
- Uma professora. Não conhece? Bonita.
- Educada, atalhou João Nogueira.
- Bonita, disse outra vez Gondim. Uma lourinha, aí de uns trinta anos.
- Quantos? Perguntou João Nogueira.
- Uns trinta, pouco mais ou menos.

CARVALHO, C. de O.

— Vinte, se tanto.

— É porque você não viu de perto, interrompeu Gondim. Se tivesse visto, não sustentava semelhante barbaridade (RAMOS, 1976, p. 43-44).

Pernas. Professora. Bonita. Educada. Lourinha. Jovem. Creio que o fato de outros homens terem lançado suas cobiças para ela é fator decisivo para que Paulo Honório a queira para si. Trata-se de uma disputa silenciosa e ele não dá tempo para os demais apreciadores reagirem, nem a própria Madalena tem esse tempo.

Quem é Madalena nesse universo de personagens mulheres descritas por autores homens? Madalena não difere de outras personagens femininas de obras romaneadas e consideradas de menor valor para o mercado literário e para a crítica acadêmica. Ironicamente, Madalena corresponde a um perfil estereotipado presente nos “romances de mocinhas⁶” (CARVALHO, 2007) e só se distancia desse perfil ao cometer suicídio. Tal como outras personagens analisadas e presentes nos tais romances de mocinhas, Madalena é órfã, pobre, bonita, olhos claros, pequena e se casa com um homem forte, apesar de feio, para garantir seu futuro e o futuro de sua tia. Não se casa por amor, é certo, mas se casa crendo que será possível reverter essa situação com a convivência. Madalena é o tipo de mulher que está bem “cotada” no mercado de mulheres com perfil europeu. Ou seja, ela é preferível ao padrão de D. Marcela por aparentar uma fragilidade que ao homem representa a possibilidade de protegê-la. Engana-se Paulo Honório. Engana-se quem, acostumado ao estereótipo da pequena bela e frágil, depara-se com a recusa de Madalena de ser apenas um bem de Paulo Honório. O uso da palavra mercado pode até soar agressivo, mas o casamento foi uma barganha, então nada mais apropriado do que dizer mercado, ou seja, a tradição de reificação da mulher. A análise de Arnt (2013) trilha por caminho vizinho:

A reificação de Madalena, que começara com a análise de suas partes — pernas e peitos —, tal qual um objeto, ganha dimensões cada vez maiores e agora a professora é de fato completamente vista enquanto coisa, não como pessoa, uma vez que, na visão de Nogueira, **poderia ser adquirida**. Resquício da escravidão misturado ao desenvolvimento da lógica capitalista, o ideário de Nogueira é repartido pelos demais, e transparece **na fala de Paulo Honório ao negociar a remuneração de Padilha, que resolve aceitar a proposta de emprego** (ARNT, 2013, p. 143, grifos meus).

Quando Arnt (2013) se refere aos resquícios da escravidão, está, a meu ver corretamente, chamando a atenção para o ranço que, quatro décadas (o romance é de 1934) após a abolição da escravidão no Brasil (1888), ainda perdura nos meios de interpretação das relações de trabalho.

Tanto o professor Padilha quanto a professora Madalena possuem o mesmo valor para Paulo Honório: nenhum. Padilha não recebe seus proventos por quatro meses seguidos; na opinião de Paulo Honório, Madalena é a que ensina “bê-a-bá” e igual a ela tem-se no atacado: “Professorinha de primeiras letras a escola normal fabricava às dúzias” (RAMOS, 1976, p. 105). Destaco, ainda, que se, para ele, Madalena tem uma importância maior (ser a mãe do herdeiro é uma delas), esta não se encontra em sua função de professora.

Paulo Honório é exemplo para uma educação informal? O fato de não ter frequentado escola enquanto instituição e ter aprendido com a escola da vida, é suficiente para ele defender a inutilidade da escola, dos títulos de doutores (usados pelos graduados em Direito), ou mesmo afirmar a ineficiência dos livros (biblioteca) ou dos romances lidos por D. Glória, D. Marcela etc. Ou seja, defende ser um homem prático. Mas sabe que sua praticidade precisa de apoio e, por essa razão, conhece os caminhos das barganhas. Assim, mesmo querendo ir contra a ideia do governador, cala-se e depois executa:

O governador gostou do pomar, das galinhas [...] e perguntou **onde ficava a escola**. Respondi que não ficava em parte nenhuma. No almoço, que teve champanhe, o Dr. Magalhães gemeu um discurso. S. ex^a. **tornou a falar na escola**. Tive vontade de dar uns apartes, mas contive-me.

Escola! Que me importava que os outros soubessem ler ou fossem analfabetos?

Esses homens de Governo têm um parafuso frouxo. **Metam pessoal letrado na apanha da mamona**. Hão de ver a colheita (RAMOS, 1976, p. 40, grifos meus).

Paulo Honório parece confiar que o caminho tomado por ele, longe dos bancos escolares, é suficiente para alcançar, com eficiência, uma vida de patrão. Quando ele diz “Que me importava que os outros soubessem ler ou fossem analfabetos?”, na verdade está camuflando um incômodo que perpassa toda a obra. Paulo Honório preocupa-se sim com quem sabe ler e não é analfabeto, se preocupa por saber que nem todos são o professor Padilha e até mesmo Padilha irá deixá-lo na mão na decadência da propriedade e do proprietário de São Bernardo. É como se ele não aceitasse que outros pudessem ter acesso ao que ele não teve, ainda que ele diga que foi escolha dele não investir nesse tipo de instrução.

Ainda que negligencie a escola, sabe fazer uso do fato de tê-la construído em sua propriedade. Já no primeiro momento em que bajulava D. Glória, seduzindo-a com a ideia de um casamento com a sobrinha dela, inclui a escola na sua apresentação. Diz ele após ouvir de D. Glória que a sobrinha é professora e aconselhá-la a criar galinhas devido ao fato de ser mais rentável:

— Boa ocupação, D. Glória, ocupação decente [criar galinhas]. Se quiser dedicar-se a ela, recomendo-lhe a Orpington. **Escola! Bestidade. Abri uma na fazenda e entreguei-a ao Padilha. Sabe quem é? Um idiota. Mas diz ele que há progresso. E eu acredito. Pelo menos o Gondim e Padre Silvestre estiveram lá examinando a molecureba e acharam tudo em ordem** (RAMOS, 1976, p. 70-7, grifos meus).

Molecureba. Molecada que decora. O decorar parece válido para avaliação imediata, mas se o conteúdo não foi incorporado, a “ordem” não é exatamente “progresso”. Ainda que Padilha fosse considerado um bom professor quando foi visitado

pelos “vigilantes” de Paulo Honório, é preciso destacar que a formação de Padilha não é pedagogia, Padilha é bacharel em Direito, não teve uma formação específica para a alfabetização e, ainda que alguns defendam o “notório saber”, é fato que, na maioria dos casos, não se tem a mesma eficiência quando comparado a um professor preparado para executar sua função. Penso que, por essa razão, Madalena, que tem formação na área em que Padilha está trabalhando, avalia a falta de recursos para trabalhar as aulas negativamente e, ao propor um novo caminho, faz uso do dinheiro de Paulo Honório para suprir a necessidade dos recursos faltantes.

Não há uma informação textual sobre a divergência em torno do “método de ensino de Padilha”, mas é possível explorar o fato de Padilha ter estudado, mas não ser um professor especializado no ensino tal qual a professora Madalena. Ela, por ser normalista, deve possuir, na sua formação, as condições mais atuais em termos de metodologia de ensino e, por isso, investe em “folhetos, cartões e pedacinhos de tábua para os filhos dos trabalhadores” (RAMOS, 1976, p. 97). A interferência de Madalena desagrada Paulo Honório não só por conta dos gastos, mas, também, por ter ele aprendido fazendo uso de método sem esse custo todo. Gasto que gerou tamanha rejeição e terminou por dar um nó na segurança financeira do dono da escola. Aqui, é possível entender que, para Paulo Honório, uma escola se faz com professor e alunos, não é necessário investimento algum além do que para ele já era abusivo ter que pagar: o salário do professor Padilha.

É preciso lembrar que D. Glória, ao conversar com Paulo Honório durante o retorno a Viçosa, tinha em mente conseguir uma transferência para Madalena e o Dr. Nogueira, ao ter ciência desse fato, não aprova a saída de Madalena: “— **Mas é uma excelente professora**, Seu Paulo, e um nobre caráter. O senhor que quer retirá-la! Que lembrança! Se ela sair, sabe o que acontece? **Mandam para cá uma velha analfabeta**.” (RAMOS, 1976, p. 76-77 grifos meus). Mas, voltemos à questão da escola. Existia o desejo de um desenvolvimento daqueles que dela usufruíam? As questões dos métodos utilizados na escola da fazenda não eram importantes para o dono de São Bernardo. Mas, em alguns momentos da obra, temos destaque para a instrução de Madalena, ou seja, a jovem clara e de olhos azuis possui os requisitos para ser uma boa parideira; afinal, poderia garantir a educação dos seus, já que sabe ensinar o bé-a-bá.

Na negociação que antecede ao casamento e as condições para o realizar, temos uma professora um tanto amiudada, talvez por efetuar um jogo de sedução em que visa alcançar um provedor, mas também não só. Parece-me clara a sua falta de valoração da profissão que exerce:

— O seu oferecimento é vantajoso para mim, seu Paulo Honório, murmurou Madalena. Muito vantajoso. Mas é preciso refletir. De qualquer maneira, estou agradecida ao senhor, ouviu? A verdade é que sou pobre como Jó, entende?

— Não fale assim, menina. **E a instrução, a sua pessoa, isso não vale nada?** Quer que lhe diga? Se chegarmos a acordo, quem faz um negócio supimpa sou eu (RAMOS, 1976, p. 82, grifos meus).

Paulo Honório investe na ideia dos herdeiros, um “coronel” precisa ter sua “parentela” e ele está propondo casamento para investir na linhagem. Uma professora que, ao mesmo tempo, fosse boa parideira resolveria duas situações: a da geração e a da

formação da linhagem. E, uma professora que reconhece o seu lugar na distribuição de renda, diante de um casamento financeiramente promissor, é mais fácil de apressar do que uma filha de juiz. O que quero destacar é a ideia de valorização da “instrução” de Madalena, instrução que a torna muito competente para o cargo negociado, o de esposa.

Mas, vejamos: ela não tem a menor “vocaçãõ” para a maternidade segundo Paulo Honório, no entanto, doa-se aos moradores da fazenda que vivem em condições precárias, escreve artigos para jornais e está sempre inteirada da vida político-econômica; entretanto, escreve uma carta em que o próprio interlocutor não é capaz de se reconhecer enquanto tal. Não sabe ela tratar da vida pessoal? Acreditava ela que seria possível ser mulher “desgarrada” da igreja e fazer “caridade” com o dinheiro de Paulo Honório sem que ele se considerasse ultrajado? Madalena está mais próxima de Padilha do que supunha.

Temos aqui, nas palavras de Paulo Honório, sobre o caso de Madalena, uma contradição: o reconhecimento de sua instrução e, ao mesmo tempo, a classificação na condição de professora de bé-a-bá. Creio que ser “lida” na condição de professora de bé-a-bá já tem sua carga de preconceito e desvalorização. Mas ele o faz para atingi-la. Afinal, Paulo Honório acredita que criar galinhas seria melhor para Madalena e sua tia, mas ele diz isso para a tia e não para Madalena.

O descaso de Paulo Honório com a educação formal é assunto em diferentes ocasiões. Por exemplo, em diálogo com Gondim, discutindo sobre “utilidade”, ele diz: “Mas biblioteca num lugar como este! Para quê? Para o Nogueira ler um romance de mês em mês. Uma literatura desgraçada...” (RAMOS, 1976, p. 83). Azevedo Gondim trata logo de incluir Madalena na conversa e indaga:

— **A instrução é indispensável, a instrução é uma chave**, a senhora não concorda, d. Madalena?

— Quem **se habitua aos livros**...

— É não habituar-se, interrompi. E não confundam instrução com leitura de papel impresso.

— Dá no mesmo, disse Gondim.

— Qual nada!

— **E como é que se consegue instrução se não for nos livros?**

[...]

— Cá pra mim os livros são úteis. Se o senhor [Paulo Honório] julga que são inúteis, deve ter lá as suas razões.

[...]

— O pior é que o que é desnecessário ao senhor [Paulo Honório] talvez seja necessário a muitos, disse Madalena (RAMOS, 1976, p. 83-85, grifos meus).

Madalena pode ter acreditado na aliança de classe e nas promessas de felicidade do capital ao aceitar o pedido de casamento de Paulo Honório. A aliança era uma grande cilada para os trabalhadores e Madalena, descrente, cometeu suicídio. Adianta aprender a ler o mundo (Paulo Freire) e continuar trabalhando para Paulo Honório e votando na chapa do Pereira? Talvez devamos entender de forma radical o

recado de Madalena: fazer aliança com o patrão é sempre suicídio.

Ao fim e ao cabo, Padilha e Madalena não estavam tão preparados para o futuro que coube a eles. O primeiro por ser um doutor que não soube usufruir das terras herdadas do pai. Fosse ele um homem preparado e teria feito da fazenda um lugar para pôr em prática as ideias que defendia. Era ele um comunista? Se era, qual a razão de não ter usado as terras herdadas quando estavam improdutivas para instaurar uma ocupação apropriada das terras? Poderia ele, se formado de fato, contribuir com a terra e possibilitar condições econômicas que favorecessem trabalhadores e suas famílias; o que seria um papel importantíssimo na estrutura social de todos os envolvidos. Mas Padilha não era o que teoricamente defendia ser. As conversas com os empregados da fazenda demonstram que era só teoria. Faltava-lhe a práxis.

Vejamos quando Paulo Honório surpreende Padilha conversando com Marciano e Casimiro Lopes. Diz Padilha:

— Um roubo. É o que tem sido demonstrado categoricamente pelos filósofos e vem nos livros. Vejam: mais de uma légua de terra, casas, mata, açude, gado, tudo de um homem. Não está certo.

Marciano, mulato esbodegado, regalou-se, entronchando-se todo e mostrando as gengivas banguelas:

— O senhor tem razão, Seu Padilha. Eu não entendo, sou bruto, mas perco o sono assuntando nisso. A gente se mata por causa dos outros. É ou não é, Casimiro?

Casimiro Lopes franziu as ventas, declarou que as coisas desde o começo do mundo tinham dono.

— Qual dono! Gritou Padilha. O que há é que morremos trabalhando para enriquecer os outros (RAMOS, 1976, p. 54-55).

A contradição da personagem Padilha permite afirmar que, na prática, a teoria não serve para efetivar as ações idealizadas. O discurso de Padilha não era esse quando as terras que agora são de Paulo Honório eram dele. Não vem ao caso que a venda foi péssima, o fato de ter sido só demonstra que ele não era um homem de negócios. Padilha é um sonhador e a revolução que ele defende não é alimentada por sonhos. Quando a política café com leite entra em choque, Padilha vai para a frente e o resto é história do Brasil.

Quanto a Madalena, talvez a maior contradição fica evidente no arranjo de seu casamento com Paulo Honório, em tudo oposto a ela: ele homem prático, ela jovem idealista; ele disposto a tudo em nome da acumulação, ela generosamente desejando elevar as condições de vida dos empregados; ele um homem sem estudo e avesso ao estudo, ela uma jovem intelectual, conhecedora de diferentes teorias, autora de artigos publicados; ele controlador autoritário, ela independente. Diante dessas incompatibilidades, era previsível o fracasso da união conjugal, mas Madalena entra incauta na relação. Ingenuidade? Incapacidade? Falta de discernimento? Não é o que parece. A falta de percepção de Madalena em relação à realidade do que seu casamento conjugava é materialmente conexa com a constituição contraditória da personagem. Essa mulher culta, esclarecida (inclusive politicamente) e de temperamento independente, e por isso mesmo mais sensível do que outros à legítima aspiração à cultura e às comodidades da vida moderna, era, no entanto, uma professora de primeiras letras sem pai nem irmão que a sustentasse, criada na pobreza pela tia já idosa, e sem

qualquer lastro econômico — ou seja, sem qualquer perspectiva de realizar suas aspirações mantendo ao mesmo tempo sua independência. Graças a essa constituição contraditória, o problema de casar-se manifesta-se como configuração insolúvel, na qual ela se encontra na contingência de optar entre dois destinos potencialmente trágicos. Na composição da personagem, essa contradição aparece reveladoramente no modo como *São Bernardo* alude ao romance sentimental de massa, que imita ao avesso: Madalena é a imagem exata dos perfis femininos desses “romances de mocinha” (CARVALHO, 2007) — loira de olhos claros, mignon, órfã e pobre, inteligente, mas frágil, destinada a se casar com um homem rude ou insensível, forte e rico. A diferença marcante é que, no romance sentimental, com paciência e tolerância, a mocinha “conserta” o homem e vive enfim feliz com ele (quase sempre nesses romances a narrativa acaba logo após o casamento), enquanto o homem de Madalena não tem emenda possível e o desfecho do casamento é a aniquilação dela. E a ação final só corrobora o fato.

E os aspectos formativos da personagem Paulo Honório? Quais as contradições dele? Não acredita na formação que a escola possibilita, mas, para ficar bem aos olhos do governador, trata logo de providenciar a escola; no entanto, pouco investe financeiramente nela. Ele mesmo diz que a escola só seria efetiva se tivesse lá um professor técnico que pudesse ensinar a criançada a pôr a mão na massa. Para ele, ensinar as crianças a trabalharem no campo, a produzirem da terra, a transformarem trabalho em alimento, era nesse ensino que acreditava. Esse seria, na concepção dele, o aprendizado que seria alicerce para aquelas pessoas serem mãos de obra qualificadas; mas seria caro, por mais que fosse o adequado, ele não estava disposto a pagar. Quanto ao Padilha e à Madalena, eles acreditam em outra escola, na escola tradicional, vem de lá a formação de ambos.

Vejamos como fica a situação de Padilha após Paulo Honório sentir-se com ciúmes:

O meu primeiro desejo foi agarrar o Padilha pelas orelhas e deitá-lo fora, a pontapés. Mas **conservei-o para vingar-me**. Arredei-o de casa, a bem dizer **prendi-o na escola**. Lá vivia, lá dormia, lá recebia alimento, boia fria, num tabuleiro.

Estive quatro meses sem lhe pagar o ordenado. E quando o vi sucumbido, magro, com o colarinho sujo e o cabelo crescido, pilheriei: — Tenha paciência. Logo você se desforra. Você é apóstolo. **Continue a escrever os contoziños sobre o proletariado**.

O infeliz defendia-se. **Com as humilhações continuadas, limitava-se por fim a engolir em seco. Um dia chorou, pediu-me soluçando que lhe arranjasse uma colocação no fisco estadual**.

— Impossível, Padilha. Espere o soviete (RAMOS, 1976, p. 121, grifos meus).

O trabalhador Padilha se vê sem condições de custear sua própria existência e, mesmo explorado na sua força de trabalho, ainda engole o choro e pede uma indicação do patrão. Padilha não está apenas “preso” à escola, também está preso nas impossibilidades de condições imediatas de mudanças. Até para ter uma nova fonte de

renda ele recorre ao Paulo Honório e esse mantém-se com o poder de dizer não e, de uma certa forma, perpetuar perante o outro o seu papel de patrão na sociedade em que vivem.

O que de fato ganharia uma pessoa com a educação da Madalena? Que circulação? Que posição contra o poder local? O que ela ou Padilha efetivamente poderiam ensinar? A escola permite quebrar o poder local? Não; Madalena tem acesso aos ambientes sociais e políticos de Viçosa, tem acesso à “elite” da cidade e a porta para adentrar esse espaço se abre por sua formação e suas relações com profissionais liberais, por ser ela uma mulher atualizada e crítica da conjuntura política, por não ser a mulher que se reúne com as outras mulheres para discutir o último romance que leu, ou falar do bordado do vestido de Beltrana. Mas, tanto Madalena quanto Padilha, em nada contribuem na relação de poder a partir do que aprenderam ou ensinam na escola.

O fato é que a professora competente, a intelectual que escrevia para jornais e debatia sobre a conjuntura político-econômica com os seus pares, foi vencida e sua memória ficou associada ao pio da coruja. Na condição de professora, ironicamente, é após sua morte que seu marido passa a escrever suas memórias e reconhece que ela, na função que ele ocupa sem querer ser (escritor), tiraria de letra. Paulo Honório afirma que escrever um livro seria tarefa fácil para Madalena: “Se eu possuísse metade da instrução de Madalena, encoivarava isto brincando. Reconheço finalmente que aquela papelada tinha préstimo” (RAMOS, 1976, p. 10). Madalena é apenas uma peça na engrenagem, facilmente substituída. Ele fará o livro, ele que não possui metade da instrução dela.

Sobre a função de escritor de Paulo Honório, destaco: “ao falar do livro com a linguagem moderna do modo de produção capitalista, Graciliano Ramos muda o patamar ocupado pelo leitor na metalinguagem da ficção brasileira” (LAJOLO; ZILBERMAN, 2003, p. 45). Ao tratar da divisão do trabalho — de que participariam Padre Silveira, João Nogueira, Arquimedes e Lúcio Gomes de Azevedo Gondim —, Paulo Honório concluiu que levava a empreitada sozinho, mas, para isso, ele precisa da companhia do leitor, o qual ele não demite.

Diversos momentos na obra sinalizam que Paulo Honório despreza a educação dos “reconhecidamente” preparados pela e para a sociedade. Mas, quando se trata de Padre Silvestre — que ironicamente “ficaria com a parte moral e as citações latinas”, João Nogueira e Lúcio Gomes de Azevedo Gondim, são homens formados para “encontrar o mundo”⁸. Seria preciso três desses homens preparados para produzir um registro de memória. A história que Paulo Honório gostaria de contar não se faria só com base nos conhecimentos de pontuação, ortografia e sintaxe; também não se colocaria em pé tendo somente a composição literária. E, ainda que os três conseguissem dar cabo da tarefa, não seriam autores. Autor seria o que tivesse o nome na capa. São várias personagens consideradas educadas ao modo da elite, mas será o homem bronco, que não teve acesso à escola, que se formou na experiência de vida, o executor da escrita de suas memórias.

Há mediações do papel da escola quando observo as duas visões da educação partindo de um contexto de transição, e outro do mundo agrário (do coronelismo) e o mundo industrial (do capitalismo). Essa mediação afetava, e até hoje afeta, as concepções⁹ de educação que circulam pelo Brasil. Também, nesse caso, a estrutura do romance internaliza, na forma, aspectos contraditórios dessa passagem.

Se leio Madalena como heroína (na realidade romanesca ela passa de auxiliar do herói a seu oponente) o romance parece “psicológico”, ainda que no decorrer da

narrativa quem acaba se voltando para a análise interior é o Paulo Honório; se destaco Paulo Honório, este se apresenta (se autoavalia) com uma consciência demasiado vasta, embora se mostre para o leitor com uma consciência demasiado estreita. Para complicar, Paulo Honório, embora renuncie a uma pesquisa problemática (o livro de memórias), acaba por fazê-lo; e embora não abandone a sua escala de valores, não aceita a imposição do mundo convencional (sua derrocada como futuro e poderoso coronel).

O poder e a violência estão nas mãos de Paulo Honório. Ele enriqueceu pelo ludíbrio, pela agiotagem, pelo “cercamento” de terras alheias, pela violência, processos que têm a natureza da acumulação primitiva. Do mesmo modo, tendo dispensado os serviços de Gondim na composição de suas memórias, se apossa de dois capítulos (RAMOS, 1976, p. 11) escritos por ele, apenas suprimindo as partes que não lhe convinham — procedimento análogo ao ir avançando as cercas sobre as terras dos vizinhos. Situação essa que Paulo Honório, de uma certa forma ou outra, avisa o leitor de quem ele espera complacência: “valendo-me dos meus próprios recursos” (RAMOS, 1976, p. 9). E os recursos dele não mudaram da aquisição da fazenda para a confecção das memórias. É esse o homem que bate em jornalista, bate no funcionário e, não chega a bater em Madalena, mas vontade não faltou. No contexto escolar, quem mais sofre violência é o professor Padilha. Após ter o seu vício usado como moeda, assina a letra (documento bancário) e esta fica, assim como Padilha, no bolso de Paulo Honório. E com isso vem a violência nas mais diferentes formas. Padilha é ridicularizado por não ser um fazendeiro, por ser um doutor, por escrever contos, por defender a revolução, por ser quem ele é. Não bastassem essas agressões, ele fica sem sustento, sem os salários, até que a sandice atinja um limite e Paulo Honório se dê por satisfeito.

Em *São Bernardo*, a divisão é entre capital e trabalho. Por isso verificar a relação do dono da escola (o capital) e os professores (vendedores de força de trabalho) foi importante. No romance, quem decide como e o que é importante “instruir” nessa escola rural é o proprietário dela. Esse pensa, sim, no que a escola poderá lhe render, mas, o educando que frequenta sua escola para saber ler, escrever e fazer continhas, representa para o proprietário da escola apenas um aumento de votos no seu curral eleitoral. A escola é propriedade privada de Paulo Honório. A agenda da “instrução” requerida por ele está diretamente ligada a seus interesses pessoais e não aos interesses dos alunos, os tais “molecorebas”. A narrativa permite entender que, para ele, os seus trabalhadores rurais já se sentiriam honrados em votar¹⁰ conforme indicasse o patrão. E “generosamente” seriam alimentados com um churrasco para comemorar a participação na eleição.

Em *São Bernardo*, a escola não serve aos propósitos iniciais do governador e de Paulo Honório. O governador vai perder as eleições, Paulo Honório vai perder-se. O fato de Padilha ter trabalhado na escola na condição de professor permitiu a ele acesso aos trabalhadores e pôde disseminar a ideia de que todos ali eram explorados e que só um ato revolucionário seria a resposta adequada. A narrativa de Paulo Honório não deixa de fora a revolução, não deixa de fora o fato de São Bernardo ser vista como “um ninho de reacionários” (RAMOS, 1976, p. 161). Os frequentadores da casa de Paulo Honório que restaram, assim como ele, votaram na situação. Nogueira e Gondim estão lá, discutindo o paradeiro de Padre Silvestre usando farda, enquanto Paulo Honório lamenta: “O pior era Padilha ter seduzido uns dez ou doze caboclos bestas, que haviam entrado com ele no

CARVALHO, C. de O.

exército revolucionário. Voltariam.” (RAMOS, 1976, p. 159). Terá Paulo Honório razão ao chamá-los de bestas?

A ideia inicial de Paulo Honório era ter um professor rural com conhecimentos técnicos de agricultura e pecuária, para que a escola que o governador solicitava fosse também eficaz para ele, adequada aos seus negócios. Paulo Honório defende uma educação tecnicista, mas, a professora Madalena não participa da mesma visão, ela parece defender uma escola que inclui a formação ética, a formação humana, o caráter, a cidadania. As escolas que eles defendem não são as mesmas e estão em choque. Com efeito, Paulo Honório, mesmo em sua constituição contraditória de pretendente a coronel e capitalista, antecipa uma visão que só posteriormente receberá formalização teórica.

Artigo recebido em: 10/01/2023
Aprovado para publicação em: 05/07/2023

THE RULING CLASS' DEVALUATION OF SCHOOL AND TEACHING IN *SÃO BERNARDO*, BY GRACILIANO RAMOS

ABSTRACT: Based on the premise that a model of coherence emerges in Graciliano Ramos' work, that also explains real (extraliterary) socio-historical phenomena, I seek, in this article, to examine the function of the school in the structure of the novel *São Bernardo*. In the analysis, I highlight episodes of the narrative which expose Paulo Honório's treatment of the teachers Padilha and Madalena, and I relate these episodes to the general dynamics of the novel, in which the school is a key political instrument in a social domination structure in decline (Coronelismo).

KEYWORDS: Teaching; School; Graciliano Ramos; *São Bernardo*.

LA DEVALUACIÓN DE LA ESCUELA Y LA ENSEÑANZA POR PARTE DE LA CLASE DOMINANTE EN *SÃO BERNARDO*, POR GRACILIANO RAMOS

RESUMEN: Partiendo de la premisa de que emerge en la obra de Graciliano Ramos un modelo de coherencia que también explica fenómenos sociohistóricos (extraliterarios) reales, busco, en este artículo, examinar la función de la escuela en la estructura de la novela *São Bernardo*. En el análisis, destaco episodios de la narrativa anclados en el tratamiento que Paulo Honório da a las maestras Padilha y Madalena, y establezco relaciones entre esos episodios y la dinámica general de la novela, en la que la escuela es un instrumento político clave en una estructura de dominación social en decadencia (coronelismo).

PALABRAS CLAVE: Enseñanza; Escuela; Graciliano Ramos; *San Bernardo*.

NOTAS

1 - O artigo que ora apresento é resultado da minha pesquisa desenvolvida no doutorado na Universidade de Brasília-UNB, sob a orientação da Prof^a Anna Heron More, e intitulada "O Lugar e a Função da Escola na Estrutura Social Brasileira Representada nas Obras: *O Desertor, O Seminarista, São Bernardo e Alegres Memórias de um Cadáver*".

2 - "O autor do romance *São Bernardo* é Graciliano Ramos e isso, além de evidente, é fundamental. Esse autor é o elemento mais transgrediente possível ao romance. É ele o responsável por elaborar todas as demais instâncias narrativas concernentes ao romance. Ao conjunto das escolhas e dos procedimentos adotados pelo autor, dá-se o nome de autor implícito. O romance que se lê não nasce por geração espontânea, muito menos é escrito por Paulo Honório. O romance é escrito por Graciliano Ramos, que cria um autor-narrador ficcional chamado Paulo Honório, que se apresenta (e é apresentado pelo autor implícito) como legítimo autor de *S. Bernardo*. O procedimento, está claro, consiste basicamente no emprego do antigo recurso do narrador em primeira pessoa que é, ao mesmo tempo, autor ficcional do livro". (ARNT, 2013, p. 119-120).

3 - "Revolução de Outubro" refere-se ao movimento armado que depôs Washington Luís e impediu a posse de Júlio Prestes, eleito em 1930.

4 - Maria Isaura Pereira Queiroz em *O Mandonismo Local na Vida Política Brasileira e Outros Ensaios* (1976), questiona a validade do conceito de classes sociais para descrever a sociedade brasileira antes de 1930. Para Queiroz o mais adequado é usar "parentela" e não "classe social". No caso é uma inadequação do conceito de classes sociais para fazer a análise o pano de fundo do sistema político brasileiro. Na defesa da socióloga, "parentela", possui formas hierárquicas da vida social de um verdadeiro sistema de dependência e de reciprocidades que impedia que os interesses de "classe" despontassem para à luta de classes. Destaco que para Queiroz, o coronel, além de ponto de referência sócio política, é o chefe de uma parentela.

5 - "Antonio Candido representou a parentela brasileira sob a forma de círculos concêntricos: o núcleo seria formado pela família do 'patriarca' (ou do 'coronel'), seguindo-os vários círculos concêntricos com parentes, agregados, etc. **Acreditamos que o esquema geométrico mais adequado seja o da pirâmide truncada, formada internamente de camadas sociais sobrepostas, divididas entre si pelo dinheiro e pelo prestígio, pois mostra claramente a subordinação de umas camadas a outras**" (QUEIROZ, 1976, p. 189, nota de rodapé 53 — destaque meu).

6 - "As narrativas (romance de mocinha [...]) caracterizam-se pela exacerbação de formas e formatos que se reduzem aos arquétipos sociais e culturais já sedimentados no imaginário. Apresentam enredos que valorizam a emoção em detrimento da discussão social ou informativa; a exploração do romanesco; a valorização de conteúdo amoroso-erótico; o desenvolvimento fundamentado no desnivelamento sócio-econômico-cultural, mas conciliatório no papel e na representação das fantasias amorosa-eróticas." (CARVALHO, 2007, p. 77)

7 - Na atualidade esse assunto foi retomado. "Notório saber": vire professor em 5 semanas. Disponível em: <https://avaliacaoeducacional.com/2016/09/24/notorio-saber-vire-professor-em-5-semanas/>

8 - "Vais encontrar o mundo, disse-me meu pai, à porta do Ateneu. Coragem para a luta." POMPEIA, Raul. *O Ateneu* (crônica de saudades). São Paulo: Zero Hora/Klick Editora, 1997, p. 11.

9 - São muitas concepções (currículo mínimo, por exemplo), porém, infelizmente, as concepções de ensino que nascem na prática diária dos docentes que estão em sala de aula ficam restritas as suas salas.

10 - "A extensão do direito de voto às classes populares não tivera pois, outro efeito senão aumentar o número de eleitores rurais às ordens de determinado mandão político, como podiam os agregados discordar dele, se nem podiam se manifestar em oposição aos fazendeiros sem

CARVALHO, C. de O.

perder o único amparo que possuíam? [...] Com toda essa quantidade de eleitores às suas ordens, continuaram os fazendeiros a eleger quem bem queriam e continuariam os presidentes de Estado e deputados, na necessidade de cortejar os chefes do interior, da mesma maneira que durante o império" (QUEIROZ, 1976, p. 113).

REFERÊNCIAS

ARNT, G. A. G. **Sistema Jagunço: a dialética entre homens provisórios e sujeitos da terra definitivos no romance regional brasileiro**. 2013. 231 f. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira). Universidade de Brasília, Brasília, 2013. Disponível em: <<https://repositorio.unb.br/handle/10482/15973>>. Acesso em: 18 jan. 2018.

CANDIDO, A. **Ficção e confissão**. Ensaios sobre Graciliano Ramos. 3. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.

CARVALHO, C. de O. **Romance de mocinha & Romance de mocinho: a literatura narrativa de massa por um convívio dos contrários**. 2007. 288 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Estadual de Maringá. Maringá, 2007. Disponível em: <<http://repositorio.uem.br:8080/jspui/handle/1/4296>>. Acesso em: 17 jan. 2018.

LAJOLO, M.; ZILBERMAN, R. **A formação da leitura no Brasil**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2003.

MANIFESTO dos Pioneiros da Educação Nova (1932). Revista **HISTEDBR** On-line, Campinas, n. especial, p.188-204, ago. 2006 - ISSN: 1676-2584. Disponível em: <http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/22e/doc1_22e.pdf>. Acesso em: 03 jan. 2018.

MARX, K.; ENGELS, F. **Textos sobre educação e ensino**. Campinas: Navegando, 2011. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/marx/ano/mes/ensino.pdf>>. Acesso em: 18 jan. 2018.

RAMOS, G. **São Bernardo**. 25 ed. Rio; São Paulo: Record; Martins, 1976.

QUEIROZ, M. I. P. de. **O mandonismo local na vida política brasileira e outros ensaios**. São Paulo: Ed. Alfa-Ômega, 1976.

TEIXEIRA, A. A Escola Secundária em Transformação. //: TEIXEIRA, A. **A Educação e a Crise Brasileira**: São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1956. p. 78-99.

CLEIRY DE OLIVEIRA CARVALHO: Doutora em Literatura e Práticas Sociais pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade de Brasília - UNB/CAPES. Graduação (2001) e mestrado (2007) em Letras pela Universidade Estadual de Maringá.

A desvalorização da escola e do ensino pela classe dominante em...

Artigo 561

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6989-4266>

E-mail: cleiryvalho@yahoo.com.br

Este periódico utiliza a licença *Creative Commons Attribution 4.0*, para periódicos de acesso aberto (*Open Archives Initiative - OAI*).